

Desempenho das exportações brasileiras de papel

Performance of the Brazilian paper exports

Kaio Henrique Adame de Carvalho¹, Caio César de Medeiros Costa²,
Naisy Silva Soares³ e Márcio Lopes da Silva⁴**Resumo**

Este estudo aborda o desempenho das exportações de papel do Brasil, de 1997 a 2006, pelo método de Constant-Market-Share (CMS) e Posição Relativa de Mercado (PMR). Especificamente, objetivaram-se confrontar o desempenho das exportações brasileiras de papel frente seus principais concorrentes no mercado internacional. Os resultados mostram que o Brasil é o país que apresenta maior crescimento das exportações de papel no período analisado, sendo também o terceiro país mais competitivo perdendo apenas para Itália e Canadá. O crescimento da renda nos mercados compradores de papel do Canadá e EUA foi fator determinante do crescimento das exportações de papel desses países. O contrário ocorreu com a renda dos países de destino das exportações do Brasil, Itália, China.

Palavras-chave: Constant-Market-Share, Papel, Comércio internacional

Abstract

This study analyzed the performance of Brazilian paper export, from 1997 to 2006, applying the constant-market-share method (CMS) and Market Relative Position (MRP). Specifically, it was intended to compare the Brazilian paper exports with those of its main competitors on the international market. The results showed that Brazil was the country that presented the highest growth of paper exports and the third largest competitiveness, after Italy and of Canada. The increase of income in the buying paper markets Canada and USA was the decisive growth factor of paper exports of those countries. The opposite occurred with the income of the receiving countries of the exports from Brazil, Italy and China.

Keyword: Constant-Market-Share, Paper, International market

INTRODUÇÃO

A atividade de base florestal, presente em quase todo o território nacional, divide-se em vários segmentos, tais como: celulose e papel, papelão ondulado, siderurgia a carvão vegetal, móveis e madeira processada mecanicamente, que engloba a produção de madeira serrada, painéis reconstituídos, compensados e laminados e produtos de maior valor agregado, além de vários produtos não madeireiros

O setor florestal brasileiro contribui com uma parcela importante para a economia brasileira, gerando produtos para consumo direto ou para exportação, impostos e emprego para a população e, ainda, atuando na conservação e preservação dos recursos naturais (LADEIRA, 2002).

Segundo Soares (2006), o setor florestal brasileiro tem grande potencial a ser explorado. O país apresenta condições físicas e naturais para o desenvolvimento do setor, como elevada extensão de terras apropriadas, mão-de-obra abundante, clima e solo favoráveis, tecnologia silvicultural avançada e rápido crescimento das plantações florestais, assim o investimento na atividade florestal pode contribuir ainda mais para o desenvolvimento sócio-econômico do país.

Para a economia brasileira e para a sociedade, o setor florestal contribui com uma parcela importante da geração de produtos, impostos, divisas, empregos e renda. Em 2007, por exemplo, a indústria de base florestal foi responsável por 3,4% do PIB nacional (US\$ 44,6 bilhões), empregou 8,6 milhões de pessoas (9% da popu-

¹Graduando do Curso de Engenharia Florestal do Departamento de Engenharia Florestal da Universidade Federal de Viçosa – Viçosa, MG - 36570-000 – E-mail: kaio_adame@hotmail.com

²Graduando do Curso de Gestão do Agronegócio do Departamento de Economia Rural da Universidade Federal de Viçosa – Viçosa, MG - 36570-000 – E-mail: caioocesq@hotmail.com

³Doutoranda em Ciência Florestal pelo Departamento de Engenharia Florestal da Universidade Federal de Viçosa – Viçosa, MG – 36570-000 – E-mail: naisysilva@yahoo.com.br

⁴Professor Associado II do Departamento de Engenharia Florestal da Universidade Federal de Viçosa – Viçosa, MG – 36570-000 – E-mail: marlosil@ufv.br

lação economicamente ativa), arrecadou 7,2 bilhões de impostos (1,5% do total da arrecadação nacional). Neste período o setor florestal contribuiu com o superávit da balança comercial em US\$ 7,4 bilhões (18,5% do superávit nacional). Além disso, são esperados investimentos da ordem de US\$ 18 bilhões até 2014 na indústria de base florestal (ABIMCI, 2007). Vale lembrar ainda que o setor florestal se divide em atividades no campo, nas indústrias, em escritórios, sendo que os empregos gerados são tanto no campo quanto na cidade.

Já o segmento de celulose e papel no Brasil também se mostra importante para a economia. No ano de 2008 o faturamento do setor foi de R\$24,6 bilhões, o que em relação a 2006 representou um aumento de 5,3%. Naquele ano, este segmento produtivo gerou R\$ 2,2 bilhões em impostos, empregou 614 mil pessoas, um crescimento de 3,1% em relação a 2006, e contribuiu com um superávit de US\$3,7 bilhões FOB para a balança comercial brasileira (BRACELPA, 2009).

Em 2008, o Brasil subiu do 12º para 11º lugar entre os principais fabricantes de papel do mundo, porém apenas 19% da produção nacional de papel destinaram-se à exportação, enquanto que no segmento de celulose este índice é de 56%. Além disso, o consumo interno de papel deve aumentar já que ocorreu um aumento de 5% de 2007 para 2008 no consumo per capita de papel, que passou de 44,0 kg/hab para 46,2 kg/hab. Este índice deve aumentar ainda mais já que programas governamentais foram criados para compra de livros didáticos destinados às escolas públicas, além de inclusão de cadernos no material a ser distribuído na volta às aulas de 2010, beneficiando 48 milhões de alunos, segundo estimativas (BRACELPA, 2009).

A competição entre países no comércio internacional é grande, e o segmento de celulose brasileiro tem-se destacado dentro deste mercado, porém quando se fala em segmento de papel o mesmo não ocorre. Há de se destacar que o segmento de papel também é carente de estudos ficando estes muitas vezes restritos ao segmento de celulose. Embora o Brasil tenha melhorado sua posição no comércio internacional de papel, torna-se necessário analisar a competitividade do país neste segmento, pois estudos deste tipo podem contribuir para a elaboração de políticas de desenvolvimento do setor.

Neste contexto, o presente trabalho teve como objetivo, avaliar o desempenho das exportações de papel do Brasil, de 1997 a 2006, por meio do

método Constant Market Share (CMS) e Posição Relativa de Mercado (PRM). Especificamente, visa-se confrontar o desempenho das exportações brasileiras de papel frente aos seus principais concorrentes no mercado internacional.

MATERIAL E MÉTODO

Referencial teórico

O conceito de competitividade, mesmo que não utilizado explicitamente, sempre esteve presente nos propósitos da organização industrial, passando por um processo de constante evolução conceitual. Expandir a riqueza nacional, aumentar a força produtiva, promover formas de manufatura mais avançadas, são algumas das denominações e preocupações que sempre estiveram nos propósitos das economias mais avançadas, e estão associadas ao que hoje se denomina de competitividade (SOUZA e ARICA, 2002).

Segundo os autores citados acima o termo competitividade muitas vezes é tratado de forma difusa e dispersa na literatura. O termo é livre de qualquer rigor conceitual, principalmente no campo dos negócios onde se ignora os conflitos teóricos embutidos no conceito.

Segundo Ferraz *et al.* (1996) identificaram duas vertentes diferentes no conceito de competitividade. No primeiro conceito a competitividade é vista como eficiência, o que significa tentar medir o potencial de competitividade de uma empresa ou setor. Este conceito se foca na organização industrial.

O outro conceito, segundo os autores citados acima, é que a competitividade é vista como o desempenho de uma empresa ou produto. Segundo este conceito a competitividade estaria relacionada à participação de uma empresa ou produto em um dado mercado (Market Share). A utilização do Market Share como medida de competitividade é a contribuição mais útil e difundida da economia neoclássica para os estudos de competitividade. Assim, as participações de um dado produto ou setor no mercado internacional seriam um indicador de competitividade internacional.

Segundo Pereira e Souza (1997) o conceito de competitividade vem sendo apresentado das mais variadas formas. Analisando a competitividade de uma maneira simples pode-se dizer que ela está associada ao desempenho das exportações industriais. Assim, as indústrias que ampliam a participação de seus produtos no comércio exterior são mais competitivas (COE-

LHO e BERGER, 2004); ainda sob esse enfoque Porter (1999), suscita que a competitividade pode ser definida como a capacidade de uma empresa ser bem sucedida em mercados que tenham concorrência. Esse conceito pode ser estendido aos países, se consideramos que cada país é um conjunto de suas indústrias.

Segundo Sereia (2002), os produtos nacionais têm dificuldades em ingressarem nos mercados internacionais mais competitivos, o que despertou no setor agroindustrial brasileiro a necessidade de ampliar a participação interna. Com isso o Brasil passou a incrementar a demanda interna, acarretando um aumento do consumo interno em relação às exportações. Isso, em sua maior parte devido à liberalização econômica associada ao protecionismo dos blocos econômicos dos países desenvolvidos, que aumentaram as barreiras às exportações de produtos básicos tradicionais, pois os mercados se tornaram mais seletivos e exigentes quanto à qualidade dos produtos. Porém, apenas aumentar a demanda interna do produto não é suficiente para garantir o desenvolvimento do segmento de papel, sendo importante para o país aumentar suas exportações e ganhar competitividade internacional.

Neste contexto observa-se que a competição entre as nações no mercado internacional tem-se tornado cada vez mais acirrada em função dos desdobramentos resultantes da globalização. As otimizações das possibilidades de interação dos diferentes povos e do acesso à informação facilitaram a abertura econômica e a transferência de investimentos entre as nações (NOCE *et al.*, 2007). Dessa maneira, entendendo o termo competitividade e aplicando o mesmo como forma de desenvolver políticas para o país são extremamente importantes, já que possibilita analisar mercados de interesses econômicos e os mercados concorrentes.

Referencial analítico

Para atingir os objetivos do presente trabalho, seguindo sugestões de Gonçalves (1987); Horta *et al.* (1994); Almeida (1994); Carvalho (1995), empregou-se o método Constant Market Share (CMS), o qual tem sido utilizado nos estudos sobre crescimento e desempenho das exportações de produtos agrícolas. Na área florestal este método também está sendo muito utilizado no Brasil (NOCE *et al.*, 2003; COELHO e BERGER, 2004; VALVERDE *et al.*, 2006; NOCE *et al.*, 2007; NOCE *et al.*, 2008).

No método CMS as variações na participação das exportações de um país no comércio mundial são decompostas em: efeito composição dos produtos (maior concentração na pauta de exportação de produtos cuja demanda mundial cresce mais rapidamente); efeito distribuição dos mercados (maior destinação de produtos para países/mercados que mais crescem no comércio mundial); efeito crescimento do comércio mundial (o crescimento das exportações ocorre devido ao crescimento mundial); efeito competitividade (diferença entre o crescimento efetivo das exportações, e o crescimento que ocorreria nas exportações do país se o bem comercializado em cada mercado comprador se mantivesse), obtido por resíduo dos demais (MCT, 1993).

Segundo Coelho e Berger (2004), o método CMS apresenta algumas limitações em estudos que investigam as causas do crescimento e desempenho das exportações. Essas limitações devem-se ao fato de que o modelo utiliza apenas as informações dos dados iniciais e finais do período escolhido. Outra crítica ao modelo foi descrita por Leamer e Stern (1970), já que este incorpora apenas determinantes da demanda, sendo que as relações econômicas de comércio são determinadas pelas interações de demanda e oferta. Porém, segundo os autores, isso não invalida os resultados, pois a visão unilateral do modelo é minimizada pelo efeito competitividade, já que os preços utilizados no modelo refletem uma interação entre oferta e demanda.

Para justificar a escolha do CMS em detrimento de outros modelos, Carvalho (1995) diz que o uso do modelo mostra tendências e perspectivas dos mercados importadores, dessa forma proporciona ao governo e ao setor privado informações importantes para tomada de decisões estratégicas referentes às políticas comerciais.

Segundo Carvalho (2004), além de analisar a competitividade e efeito das exportações de cada país, o método CMS possibilita fazer inferências sobre o direcionamento do setor exportador da mercadoria em questão. E mesmo que este tenha caráter retrospectivo sua aplicação tem grande importância e interesse, pois determina o peso de cada efeito nas exportações daquele país, sendo que os resultados possibilitam indicar alternativas de atuação e sinalizar caminhos de distribuição das exportações.

Valverde *et al.* (2006) afirmam que os resultados do método de CMS avaliam os efeitos e a influência dos mesmos na evolução das exportações do produto no período considerado, além de

confrontar o desempenho da indústria brasileira de papel com a de seus principais concorrentes.

Conforme Carvalho (2004), o método de CMS é expresso conforme equação (1):

$$\sum_j (V'_j - V_j) = \sum_j (rV_j) + \sum_j (r_j - r)V_j + \sum_j (V'_j - V_j - r_j V_j) \quad (1)$$

(1) (2) (3)

em que:

$V'_j - V_j$ = crescimento efetivo do valor das exportações de celulose do país em foco para o mercado j ;

$V_j = (p * q)$ = valor das exportações de celulose do país em foco para o mercado j , no período 1;

$V'_j = (p' * q')$ = valor das exportações de celulose do país em foco para o mercado j , no período 2;

Sendo:

p = preço das exportações de celulose do país em foco, no período 1, em US\$/toneladas;

p' = preço das exportações de celulose do país em foco, no período 2, em US\$/toneladas;

q_j = quantidade de celulose exportada do país em foco ao mercado j , no período 1, em milhões de toneladas;

q'_j = quantidade de celulose exportada do país em foco ao mercado j , no período 2, em milhões de toneladas;

$r_j = [(Xm'_j / Xm_j) - 1]$ → taxa de crescimento percentual do valor das exportações mundiais de celulose para o mercado j , entre os períodos 1 e 2;

$r = [(Xm' / Xm) - 1]$ → taxa de crescimento percentual do valor das exportações mundiais de celulose, entre os períodos 1 e 2;

Onde:

Xm_j = valor das exportações mundiais de celulose para o mercado j , no período 1, excluídas as exportações do país em foco;

Xm'_j = valor das exportações mundiais de celulose para o mercado j , no período 2, excluídas as exportações do país em foco;

Xm = Valor das exportações mundiais de celulose no período 1; Xm' = Valor das exportações mundiais de celulose no período 2.

Os efeitos são determinados do pelo seguinte modo:

(a) Efeito crescimento do comércio mundial de celulose = $\sum_{j=1}^n rV_j$

(b) Efeito destino das exportações = $\sum_{j=1}^n r_j V_j - \sum_{j=1}^n r V_j$

(c) Efeito competitividade = $\sum_{j=1}^n V'_j - \sum_{j=1}^n V_j - \sum_{j=1}^n r_j V_j$

Visto os três efeitos descritos acima, observamos que o crescimento das exportações pode ser explicado pelo crescimento do comércio mundial, pela concentração favorável (ou desfavorável) das exportações em mercados de rápido (ou lento) crescimento e por um efeito de competitividade que resulta de ganhos (ou perdas) de participação nos diferentes mercados (COELHO e BERGER, 2004).

Os mercados consumidores considerados na análise referem-se aos maiores exportadores de papel e papelão em 2006 (Alemanha, Finlândia, Suécia, EUA, Canadá, França, Itália e China), juntamente com o Brasil que ocupa a 17ª posição. Assim, o valor de n é igual a 9.

Para minimizar as limitações do método CMS calculou-se o índice Posição Relativa de Mercado, conforme descrito abaixo.

Posição Relativa de Mercado

A Posição Relativa de Mercado indica a posição de uma nação no mercado internacional de um produto, ou seja, trata-se da competitividade entre países. A posição relativa no mercado é calculada conforme apresentado em Silva *et al.* (2001) (equação 2).

$$PRM_{ik}^n = 100x \frac{X_{ik}^n - M_{ik}^n}{W_k^n} \quad (2)$$

em que:

$X_{ik}^n - M_{ik}^n$ = saldo comercial do país i para o bem k no ano n

W_k^n = total do produto comercializado no mundo, ou seja, valor total das exportações mais as importações mundiais do produto.

Esses procedimentos permitem construir um cenário geral da evolução da competitividade no mercado internacional e, conseqüentemente, captar o desempenho do comércio brasileiro de papel e papelão, ao longo dos anos, bem como confrontar com o de seus principais concorrentes.

Fontes de dados

Os dados sobre valor das exportações e quantidade exportada de papel e papelão do Brasil e de seus principais concorrentes no mercado internacional (Alemanha, Finlândia, Suécia, EUA, Canadá, França, Itália e China) foram obtidos no banco de dados da Food and Agricultural Organization (FAO, 2008). Considerou-se para análise o período de 1997 a 2006, visando abranger uma série temporal que reflita os resultados da abertura comercial global e os ajustes econômicos dos países em desenvolvimento, ocorridos a partir da década de 1990.

Ressalta-se que não se trabalhou com datas mais recentes porque alguns dados não estavam disponíveis.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A Tabela 1 indica os resultados obtidos com o método Constant-Market-Share. Com base nos dados nela apresentados, verifica-se que em todos os países analisados ocorreu um crescimento efetivo das exportações de papel, com maior destaque para o Brasil. Isso pode ser explicado pela boa receptividade do papel brasileiro no exterior e pelo crescimento das exportações para o Mercosul, assim como para os EUA que, no período de outubro de 1988 a julho de 1990, estava fechado para o Brasil como retaliação comercial devido ao impasse ocorrido na questão do reconhecimento de patentes (BNDES, 1996).

Cabe aqui mencionar que, de acordo com FAO (2008), o crescimento do comércio mundial contribuiu para o crescimento das exportações de papel de todos os países sob análise, principalmente para os USA, Canadá e Alemanha, que historicamente são os maiores produtores e exportadores mundiais do produto.

O destino das exportações teve incidências positivas e negativas, apresentando uma grande variação. Este efeito afetou positivamente a Suécia, a Finlândia e a França, mostrando que estes países vendem para os melhores mercados. Porém, este efeito foi mais favorável para o EUA e Alemanha que apresentaram os maiores valores.

Nos Estados Unidos existem algumas políticas públicas que favorecem a produção e as suas exportações de papel e celulose, o que contribui para o destaque do país no comércio internacional. Algumas políticas são parcerias entre a iniciativa privada e o setor público na condução de florestas, linhas de financiamento à comercialização, programas de apoio à exportação, garantia de capital de giro, entre outros (SIQUEIRA, 2002).

Nos casos de Brasil, China e Itália, esse efeito apresentou-se negativo. Assim, na ausência desse efeito as exportações brasileiras teriam sido respectivamente, 74% maiores. Raciocínio análogo pode ser feito para os demais países. Isso pode ser explicado pela redução da renda nos países de destinos das exportações brasileiras de papel, visto que a maior parte das exportações brasileiras de papel é para o MERCOSUL.

Com relação ao efeito competitividade, apenas Canadá, Itália, China e Brasil tiveram valores positivos. Sendo que Itália apresentou maior competitividade, seguida por Canadá, Brasil e China. Também analisando a Tabela 2, nota-se que o Brasil vem ganhando posição no mercado internacional, pois em 1997 tinha um índice de -0,21, já em 2006 este índice é positivo sendo de 0,21. Por este índice o Brasil ocupa a 5ª posição entre os países analisados.

A competitividade brasileira no mercado internacional de papel pode ser explicada por vários fatores, entre os quais citamos as políticas do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES) que vem financiando o segmento de papel e celulose desde a década de 60. Já na década de 90 a parceria do BNDES com o segmento de celulose e papel amadureceu e o Banco adotou políticas positivas de estímulo ao crescimento da produção e à adoção de práticas empresariais compatíveis com as exigências sociais e mercadológicas. Nos dias atuais, as inovações financeiras e o desenvolvimento de mecanismos que permitem ao segmento enfrentar a competição internacional são as políticas do BNDES (JUVENAL e MATTOS, 2001).

Por outro lado, o governo tem focado no aumento das exportações desde 1995, o que culminou em melhores condições para o setor exportador, como: aperfeiçoamento dos mecanismos de financiamento, como o Programa de Financiamento às Exportações - PROEX e o FINAMEX; isenção do Imposto Sobre Circulação de Mercado-

Tabela 1. Fontes de crescimento das exportações do Brasil e dos seus principais concorrentes no mercado internacional, no período de 1997 a 2006, em %.

Table 1. Sources of growth of the exports from Brazil and its main competitors on the international market, from 1997 to 2006 in percentage.

Itens	Mercados								
	Alemanha	Finlândia	Suécia	USA	Canadá	França	Itália	China	Brasil
Crescimento efetivo do valor das exportações	31,6	31,5	36,0	37,4	21,2	29,2	49,9	50,7	146,5
Crescimento do comércio mundial	127,5	128,3	104,5	295,1	197,6	81,1	59,5	61,5	68,1
Destino das exportações	4896,2	12,7	29,8	2602,6	-227,4	251,1	-114,7	-61,9	-74,3
Competitividade	-4923,8	-41,0	-34,4	-2797,7	129,7	-232,3	155,2	100,3	106,2

Fonte: Dados da Pesquisa.

Tabela 2. Posição Relativa de Mercado (PRM) dos 10 maiores exportadores de celulose do mundo.
Table 2. Market Relative Position (MRP) of the world's 10 largest wood pulp exporters.

PMR	Mercados								
	Finlândia	Suécia	Canadá	Alemanha	Brasil	Itália	França	China	EUA
1997	5,34	4,23	5,31	1,38	-0,21	-0,39	-0,12	-3,23	-3,67
1998	6,12	4,28	5,42	1,18	1,18	-0,41	-0,61	-2,70	-2,69
1999	5,78	4,04	5,12	1,11	-0,19	-0,66	-0,45	-3,17	-3,30
2000	5,44	3,81	5,36	0,72	-0,21	-0,68	-0,34	-2,82	-3,45
2001	5,43	3,60	5,52	-0,04	-0,12	-0,69	-0,39	-2,57	-3,84
2002	5,55	3,81	5,12	0,45	-0,01	-0,85	-0,42	-2,68	-3,36
2003	5,42	4,02	4,31	0,44	0,34	-0,86	-0,34	-1,96	-3,04
2004	5,47	4,31	4,36	0,69	0,28	-0,75	-0,22	-2,32	-3,09
2005	4,55	4,17	4,40	1,38	0,32	-0,34	-0,08	-1,68	-2,94
2006	5,04	4,14	3,93	1,33	0,28	-0,21	-0,23	-0,96	-2,83

Fonte: Dados da Pesquisa.

rias e Serviços - ICMS na exportação de produtos primários e semi elaborados; criação do seguro de crédito à exportação; redução do "custo Brasil", principalmente pelo processo de modernização dos portos; e criação da Agência de Promoção de Exportação - APEX (CAMEX, 1999).

Atualmente o setor florestal brasileiro tem a seu dispor linhas de crédito para pequenos projetos florestais que são operacionalizados por bancos públicos federais através da concessão por parte do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (MAPA) e pelo Ministério do Desenvolvimento Agrário (MDA). Estes programas de financiamento visam prioritariamente o desenvolvimento de atividades relacionadas ao setor florestal através da operacionalização da implantação florestal (ABRAF, 2009).

Outro fator que também explica a competitividade brasileira é o rápido crescimento das plantações florestais e o baixo custo de produção florestal no país. Porém, a competitividade brasileira não é maior devido aos elevados custos do capital e dos portos, assim como carga tributária. A atividade de papel é mais desenvolvida em outros países, pois em outros países há apoio e financiamento governamental, com abundância de recursos a juros subsidiados (FAE BUSINESS, 2001).

Já o Canadá, apesar de ter florestas de crescimento mais lento, apresenta um grande avanço na área florestal. No país existem algumas políticas públicas como os incentivos ao comércio por meio do Programa de Sustentação ao Financiamento de Projetos de Investimentos no Estrangeiro, além de coleta de dados e fornecimento de análises sobre os mercados potenciais (SIQUEIRA, 2002). Além da alta competitividade, sua posição de mercado também é relevante sendo o 3º colocado, ficando atrás apenas da Finlândia e Suécia, porém se nota uma tendência de queda do índice.

Nota-se também que apesar da Itália ter tido a maior competitividade, sua posição relativa no mercado internacional não está entre as melhores, sendo que o país ocupou a 6º posição apresentando valores negativos, já que sua importação de papel ultrapassa as exportações.

A China apresentou a quarta maior competitividade e ocupou a 8º posição no mercado internacional, ficando na frente apenas dos EUA; porém, se analisarmos em relação a 1997 este índice melhorou bastante, sendo que a cada ano o país vem ganhando mais espaço no mercado internacional, conforme pode ser observado analisando a Tabela 2. Segundo Dores *et al.* (2007) a China está montando um parque industrial papelero com grande capacidade, mas não dispõe da celulose necessária para atendê-lo. Isto seria uma grande oportunidade para o mercado de celulose brasileiro, porém para o segmento de papel poderia ser uma futura ameaça. Uma das alternativas que aumentaria a competitividade do Brasil no mercado internacional seria a redução do custo Brasil.

Para contornar o problema do custo Brasil, as estratégias adotadas pelas empresas nacionais são: concentração (fusões e aquisições, concentração produtiva, reestruturação produtiva e fechamento de unidades); verticalização (integração da cadeia produtiva e consolidação patrimonial); reflorestamentos; desenvolvimento de fibras; escala de produção e capacitação tecnológica (FAE BUSINESS, 2001).

Todavia, mesmo o Brasil não apresentando a maior competitividade nota-se que a Alemanha e USA foram os países que mais perderam competitividade no período estudado, indicando que estes países vêm perdendo mercado para os outros países, como Brasil e China. Quanto à posição relativa de mercado os EUA apresentou a pior posição entre os países analisados. Isto

ocorre já que as importações de papel são bem maiores que as exportações. Por outro lado, a Alemanha obteve a quarta posição no mercado relativo. Mesmo o país tendo perdido competitividade, sua posição no mercado internacional de papel é muito relevante, visto que possui os melhores mercados compradores, sendo o país que mais exportou papel no mundo em 2006.

França, Finlândia e Suécia também perderam competitividade, porém quando comparado com Alemanha e EUA estes valores foram muito menores, conforme observado na Tabela 1. No caso da Finlândia e Suécia, apesar da perda de competitividade, suas posições relativas de mercado foram as melhores entre os países analisados, primeira e segunda posição, respectivamente, não se modificando muito ao longo dos anos.

O setor florestal da Finlândia mostra-se com uma legislação interessante, já que no país pela legislação, a silvicultura sustentável em longo prazo é assegurada, para os próximos cem anos. Se, depois dos cortes, o reflorestamento não for planejado de maneira apropriada, o uso da floresta é proibido temporariamente e as despesas de arborização podem ser cobradas dos proprietários pela lei. Por outro lado, o Governo concede empréstimos e subsídios para os proprietários de florestas que praticam silvicultura e produção de madeira e papel sustentáveis, assegurando a proteção das florestas novas, mantendo a diversidade biológica e melhorando o estado das florestas de produção (FINLÂNDIA, 2009).

A França, além de ter perdido competitividade, também não teve uma posição relativa de mercado, sendo a 7ª colocada; também se nota que ao longo do período analisado não ocorreu uma tendência de melhora neste índice. Isto indica que a França além de perder competitividade também vem perdendo posição no mercado internacional do produto, já que outros países mostram uma tendência de melhora do índice como Brasil e China (Tabela 2).

Apesar de ser o 15º exportador de papel e papelão o Brasil teve o maior crescimento efetivo no valor das exportações, apresentando um valor de 146,54. Sendo que o principal contribuinte, para esse fato, foi o fator competitividade. China e Itália apresentaram um crescimento intermediário quando comparado aos demais. Já Alemanha, Finlândia, Suécia, EUA e França tiveram um crescimento efetivo muito próximo entre eles. O Canadá foi o país que apresentou menor crescimento efetivo nas exportações, apresentando um valor de 21,22.

CONCLUSÃO

A análise das fontes de crescimento das exportações mostrou que o Brasil, China, Canadá e Itália vêm ganhando competitividade no comércio internacional de papel. Porém, o Brasil tem muito a crescer em termos de exportação já que em 2006 o país foi o 15º exportador. Também há de se destacar alguns fatos. Primeiro, que o mercado de papel tem crescido muito nos últimos anos e continua crescendo, sendo que a maior parte da produção brasileira deste bem é consumida no mercado interno. A maior parte das exportações brasileiras é para o MERCOSUL, assim infere-se que o Brasil não vende muito para os melhores mercados de papel como pode ser observado nos resultados. Assim nota-se que o mercado de papel brasileiro tem muita possibilidade de crescer, tanto no mercado interno como no externo.

Mesmo que os países tenham perdido competitividade ao longo dos anos, suas taxas de crescimento das exportações tiveram um valor considerável. Cabe ressaltar que estes países ainda dominam o mercado internacional de papel. Para melhorar o desempenho brasileiro das exportações de papel e tornar o país mais competitivo seriam necessárias políticas públicas capazes de diminuir o custo Brasil e a busca por novos mercados. No âmbito privado seria necessária uma maior integração com a indústria de celulose em uma verticalização na cadeia produtiva.

Sugere-se que trabalhos futuros analisem as exportações de papel em períodos mais recentes, podendo assim analisar os efeitos da crise no mercado deste produto.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABIMCI - ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DA INDÚSTRIA DE MADEIRA PROCESSADA MECANICAMENTE – **Estudo setorial 2007: indústria de madeira processada mecanicamente**. Curitiba, 2007. Disponível em: <http://www.abimci.com.br/importancia_setor.html>. Acesso em: 10 março 2010.

ABRAF - ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DOS PRODUTORES DE FLORESTAS PLANTADAS. **Anuário estatístico da ABRAF**. Brasília, 2009. Disponível em: <http://www.abraflor.org.br/estatisticas/ABRAF09-BR.pdf>. Acesso em: 01 março 2010.

ALMEIDA, G.B. Indicadores de competitividade para a indústria brasileira no período 1974/91. **Perspectiva da economia brasileira**, Rio de Janeiro, v.1, p.359-396, 1994.

- BNDES-BANCONACIONALDEDESENVOLVIMENTO ECONÔMICO E SOCIAL – **O Setor de Celulose e Papel**. Rio de Janeiro, 1996. Disponível em: <http://www.bndes.gov.br/conhecimento/relato/rel52b.pdf>. Acesso em: 12 maio 2009.
- BRACELPA - ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE CELULOSE E PAPEL. **Anuário estatístico brasileiro 2007/2008**. São Paulo, 2009. Disponível em: <http://www.bracelpa.org.br/bra/estatisticas/pdf/anual/rel2007.pdf>. Acesso em: 10 abril 2009.
- CAMEX - CÂMARA DE COMÉRCIO EXTERIOR. **Programa especial de exportações - PEE**. Brasília, 1999. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/CAMEX/programa.htm>. Acesso em: 10 fev. 2008.
- CARVALHO, F.M.A. **O comportamento das exportações brasileiras e a dinâmica do complexo agroindustrial**. 1995. 126p. Tese (Doutorado) – Escola Superior de Agricultura “Luiz de Queiroz”, Universidade de São Paulo, Piracicaba, 1995.
- CARVALHO, F.M.A. Método “Constant Market Share”. In: SANTOS, M. L.; VIEIRA, W.C. (Ed.). **Métodos quantitativos em economia**. Viçosa: UFV, 2004. cap.8, p.225–242.
- COELHO, M.R.F.; BERGER, R. Competitividade das exportações brasileiras de móveis no mercado internacional: uma análise segundo a visão desempenho. **Revista FAE**, Curitiba, v.7, n.1, p.51-65, 2004.
- DORES, A.M.B.; CHAGAS, F.B.; MATTOS, R.L.G.; GONÇALVES, R.M. **Panorama setorial: setor florestal, celulose e papel**. Rio de Janeiro: BNDES, 2007. Disponível em: http://www.bndes.gov.br/SiteBNDES/export/sites/default/bndes_pt/Galerias/Arquivos/conhecimento/liv_perspectivas/04.pdf. Acesso em: 03 setembro 2009.
- FAE BUSINESS. **O mercado de papel e celulose**. **Revista FAE BUSINESS**, Curitiba, n.1, p.44-45, 2001.
- FERRAZ, J.C.; KUPFER, D.; HAGUENAUER, L. **Made in Brazil**. Rio de Janeiro: Editora Campos, 1996.
- FINLÂNDIA. Embaixada da Finlândia. **Lisboa, 2009**. Disponível em: <http://www.finlandia.org.pt>. Acesso em: 24 março 2009.
- FAO-FOODANDAGRICULTURALORGANIZATION. **Rome, 2009**. Disponível em: <http://www.fao.org>. Acesso em: 18 abril 2009.
- GONÇALVES, R. Competitividade internacional, vantagem comparativa e empresas multinacionais: o caso das exportações brasileiras de manufaturados. **Pesquisa e planejamento econômico**, Rio de Janeiro, v.17, n.2, p.411-436, 1987.
- HORTA, M.H.; WADDINGTON, S.; SOUZA, C.F. Fontes de crescimento das exportações brasileiras na década de 80. In: IPEA - INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA. **Perspectiva da economia brasileira**. Rio de Janeiro, 1994. v.1, cap.12, p.231-246.
- JUVENAL, T.L.; MATTOS, R.L.G. **O setor de celulose e papel**. Rio de Janeiro, 2001. Disponível em: <http://www.bndes.gov.br/conhecimento/respostatit.asp?textit=celulose>. Acesso em: 23 agosto 2007.
- LADEIRA, H. **Quatro décadas de engenharia florestal no Brasil**. Viçosa: Sociedade de Investigações Florestais, 2002. 207p.
- LEAMER, E.E.; STERN, R.M. **Quantitative international economics**. Chicago: Allyn and Bacon, 1970.
- MCT - MINISTÉRIO DA CIÊNCIA E TECNOLOGIA. **Estudo da competitividade da indústria brasileira: sistemas de indicadores da competitividade**. Campinas, 1993. 191p.
- NOCE, R.; CARVALHO, R.M.M.A.; SOARES, T.S.; SILVA, M.L. Desempenho do Brasil na produção de madeira serrada. **Revista Árvore**, Viçosa, v.27, n.5, p.695-700, 2003.
- NOCE, R.; SILVA, M.L.; MENDES, L.M.; SOUZA, A.L.; SILVA, O.M.; OLIVEIRA, J.M.; CARVALHO, R.M.M.A. Preço relativo e competitividade no mercado internacional de compensado. **Cerne**, Lavras, v.13, n.1, p.51-56, 2007.
- NOCE, R.; SILVA, M.L.; SOUZA, A.L.; SILVA, O.M.; MENDES, L.M.; CARVALHO, R.M.M.A.; OLIVEIRA, J.M.; CARVALHO, R.M.M.A.; VALVERDE, R.S. Competitividade do Brasil no mercado internacional de aglomerado. **Revista Árvore**, Viçosa, v.32, n.1, p.113-118, 2008.

- PEREIRA, L.; SOUZA, F. Evolução da produtividade/competitividade dos setores agroindustriais. In: CARLEIAL, L. (Org.). **Reestruturação produtiva e mercado de trabalho no Brasil**. São Paulo: Hucitec/ABET, 1997.
- PORTER, M. **Competição = on competition: estratégias competitivas essenciais**. 5.ed. Rio de Janeiro: Campus, 1999.
- SEREIA, V.J.; NOGUEIRA, J.M.; GABARDO, M.R. As exportações paranaenses e a competitividade do complexo agroindustrial. **Revista Paraná em Desenvolvimento**, Curitiba, n.103, p.45-59, 2002.
- SILVA, V.; ANEFALOS, L.C; REIS FILHO, J.C.G. **Indicadores de competitividade internacional dos produtos agrícolas e agroindustriais brasileiros, 1986-1998**. São Paulo: Instituto de Economia Agrícola, 2001. Disponível em: <<http://www.ila.sp.gov.br/out/vertexto.php?com=412>>. Acesso em: 05 julho 2007.
- SIQUEIRA, J.P. **Proposta para a melhoria da comercialização de produtos florestais**. Brasília: Ministério do Meio Ambiente, 2002. 88p.
- SOARES, N.S. **Potencial de implantação de um contrato futuro da madeira de reflorestamento**. 2006. 121p. Dissertação (Mestrado em Ciência Florestal) – Universidade Federal de Viçosa, Viçosa, 2002.
- SOUZA, S.D.C.; ARICA, J. Competitividade industrial e regional: medidas e dicotomias. In: ENCONTRO NACIONAL DE ENGENHARIA DE PRODUÇÃO, 23, 2002, Curitiba. **Anais...** Curitiba, 2002. p.1-8.
- VALVERDE, S.R.; SOARES, N.S.; SILVA, M.L. Desempenho das exportações brasileiras de celulose. **Revista Árvore**, Viçosa, v.30, n.6, p.1017-1023, 2006.

Recebido em 25/05/2009

Aceito para publicação em 03/05/2010

